

## CARACTERIZAÇÃO DE ASPECTOS PSICOSSOCIAIS E TRANSTORNOS MENTAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL GOIANO

### CHARACTERIZATION OF PSYCHOSOCIAL ASPECTS AND MENTAL DISORDERS OF THE NURSING TEAM OF A HOSPITAL GOIANO

Tatiane Mendes da Silva **Vieira**<sup>ID\*</sup>, Laís Cardoso do **Nascimento**<sup>ID</sup>

Faculdade Evangélica de Goianésia, Goianésia, GO, Brasil.

\*tathy\_enf@hotmail.com

#### RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo verificar o estado de saúde mental relacionado a fatores ocupacionais dos profissionais de enfermagem atuantes em um hospital público goiano. Trata-se de uma pesquisa quantitativa de natureza descritiva, que caracterizou aspectos psicossociais e transtornos mentais desenvolvidos pelos profissionais acima mencionados. O questionário foi aplicado nos meses de agosto e setembro de 2020. A amostra deste estudo foi composta por 15 profissionais da equipe de enfermagem do hospital goiano. Ao analisar a saúde ocupacional dos enfermeiros em ambiente hospitalar, verificou-se inúmeros desafios, visto que os mesmos trabalham em locais diferentes conforme a realidade de cada empresa. Desse modo, pode-se atuar em espaços perigosos, insalubres, refrigerados, ruidosos, confinados ou coletivos. Conclui-se que transtornos mentais estão presentes no cotidiano dos profissionais que atuam em ambientes hospitalares, especialmente enfermeiros, sendo esse acometimento relacionado às situações vivenciadas dentro do próprio ambiente de trabalho, levando essas pessoas a gradativo adoecimento.

**Palavras-chave:** Enfermagem. Riscos Ocupacionais. Transtornos mentais.

#### ABSTRACT

This research aimed to verify the mental health status related to occupational factors of nursing professionals in a public hospital in the State of Goiás, Brazil. This quantitative descriptive research characterized the psychosocial aspects and mental disorders developed by the nursing team in a public hospital in Goiás. The questionnaire application occurred during August and September 2020. The study sample was composed of 15 nursing professionals of a hospital in Goiás. The occupational health of nurses in a hospital may involve several challenges since their work environment may change according to each company reality. Thus, the professional may work in dangerous, risky, unhealthy, refrigerated, noisy, confined, or shared locations. We then conclude the mental disorders are present in the daily life of professionals who work in a hospital environment, especially nurses, and are related to circumstances experienced within the workplace itself, leading to gradual illness among the professionals.

**Keywords:** Mental Disorders. Nursing. Occupational factors.

## INTRODUÇÃO

As condições de trabalho têm sido foco de atenção de estudiosos, pois são relevantes tanto na origem de doenças como no bem-estar do indivíduo. Dentre as ameaças aos trabalhadores em seu labor, os riscos psicossociais se destacam ao afetar a profissão de enfermagem (CASAFUS *et al.*, 2017). Tais fatores podem ser apreendidos como a interação entre as condições de trabalho, o meio ambiente, a satisfação com a atividade realizada e as condições da organização. Sendo que riscos psicossociais também podem comprometer a capacidade dos trabalhadores além de suas necessidades (CASAROLLI *et al.*, 2017).

Maior flexibilidade e o emprego precário, a intensificação do trabalho e adversidades nas relações interpessoais no ambiente profissional favorecem problemas psicossociais. Estes fatores podem desencadear um baixo desempenho no trabalho da enfermagem e trazer consequências para a saúde física e mental (KIRCHHOF *et al.*, 2017). Diante disso, o apoio social, por parte de supervisores e colegas, atua como moderador na tensão, reduzindo o desgaste dos trabalhadores (CASAFUS *et al.*, 2017).

No ambiente ocupacional de enfermagem, as demandas são altas, considerando que esses trabalhadores lidam com situações complexas, pressão de tempo, escassez de pessoal e material, aumentando a demanda por alto desempenho, visando qualidade na assistência. Assim, a enfermagem é uma profissão caracterizada por exigências físicas e emocionais (CASAFUS *et al.*, 2017).

A saúde ocupacional é definida como a disciplina que busca bem-estar físico, social e mental dos indivíduos no labor, enfatiza o uso de medidas preventivas que possam reduzir as possibilidades de adoecerem. Os profissionais de saúde, e especialmente os profissionais de enfermagem, estão expostos a certos riscos ocupacionais, que, a curto ou médio prazo, afetam o desempenho no trabalho e, em seguida, transcendem o ambiente de trabalho para o familiar (KIRCHHOF *et al.*, 2017).

Pesquisadores desenvolveram estudos discorrendo sobre doenças ocupacionais a que os profissionais de enfermagem estão predispostos; doenças e riscos ocupacionais são oriundos da atividade laboral (TEIXEIRA; CASANOVA; SILVA, 2014; ALVES *et al.*, 2015; FORESTO *et al.*, 2015; SANTANA *et al.*, 2016; SOUSA *et al.*, 2019). Segundo a organização mundial de saúde (OMS), doze por cento da força de trabalho da enfermagem sofrem com problemas referentes a doenças ocupacionais. No Brasil, estudos apontam que 13% dos enfermeiros declaram ter adquirido doenças em decorrência da prática laboral (FORESTO *et al.*, 2015).

Há fatores de personalidade e psicológicos que tornam uma pessoa mais vulnerável a perturbações mentais. Finalmente, os transtornos mentais têm causas também biológicas, dependentes, por exemplo, de fatores genéticos ou desequilíbrios cerebrais bioquímicos. A promoção da saúde mental envolve ações que criem condições de vida e ambientes propícios à mesma, permitindo às pessoas a adoção e manutenção de estilos de vida saudáveis (ALMEIDA; SILVA; MORAES-FILHO, 2017).

Um ambiente de respeito e proteção aos direitos civis, políticos, socioculturais e econômicos básicos é essencial para a promoção da saúde mental. Sem as seguranças e as liberdades fornecidas por esses direitos, é muito difícil manter um bom nível de bem-estar psíquico (CASAROLLI *et al.*, 2017).

Diante disso, destaca-se a pressão sofrida pelos profissionais de enfermagem, os quais podem apresentar problemas psicossociais evitáveis. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar o estado de saúde mental, relacionado a fatores ocupacionais, dos profissionais de enfermagem atuantes em um hospital público goiano.

## MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa quantitativa de natureza descritiva, que se preocupou em caracterizar os aspectos psicossociais e transtornos mentais desenvolvidos pela equipe de enfermagem, em um hospital público goiano, de médio porte, com 54 leitos.

A população do estudo foi composta por 42 profissionais de enfermagem, distribuídos conforme setores da instituição. Todos foram convidados a participar da pesquisa e a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contudo apenas 15 concordaram em fazer parte da amostra.

O horário de trabalho dos profissionais de enfermagem deste hospital é a escala de 12 horas trabalhadas por 36 horas de descanso. Os enfermeiros e técnicos em enfermagem foram abordados no ambiente profissional, em finais de semana alternados, em horários de descanso, com duração de 15 minutos, para que não compromettesse seus rendimentos, sendo solicitada a todos a assinatura do TCLE.

Para coleta de dados, foi aplicado um questionário semiestruturado, contendo 22 perguntas fechadas. O questionário foi aplicado nos meses de agosto e setembro de 2020. Foi entregue individualmente e respondido na sala de enfermagem, um local reservado, que proporcionou segurança e conforto. As variáveis compuseram o perfil sociodemográfico (faixa etária, gênero, estado civil, escolaridade, tempo de profissão, setor de trabalho e qualificação).

As informações obtidas foram posteriormente digitadas e agrupadas, com a finalidade de detectar os aspectos psicossociais dos profissionais. Os dados foram transcritos na íntegra e armazenados no software Microsoft Excel. Em seguida, foi realizada análise descritiva, e os resultados, representados e distribuídos em gráficos.

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com CAEE nº. 2979020.0.0000.5076, sendo aprovado em 28 julho sob Parecer nº. 4.119.181, conforme preconizado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra deste estudo foi composta por 15 profissionais da equipe de enfermagem de um hospital público goiano.

Conforme dados sociodemográficos dos trabalhadores pesquisados, a maioria (33,3%) tem idade entre 30 e 39 anos, 86,6% são técnicos de enfermagem e apenas 13,3% enfermeiros, destes a maioria (80%) se considera pardo, 40% solteiros e 40% casados, a maioria (46,6%) tem moradia própria e quanto à escolaridade, 53,3% possuem apenas o ensino médio (Tabela 1).

Estudos realizados entre 1997 e 2009 apresentaram prevalência de transtornos mentais comuns (TCM) em profissionais da saúde, com variação entre 20,3% a 43,3%, sendo apresentada maior frequência em mulheres, devido à maneira como elas lidam com as situações estressoras do ambiente de trabalho, visto que as mulheres, geralmente, deixam as emoções aflorar conforme o tipo de situação enfrentada. Em estudo com 367 profissionais de 24 diferentes unidades básicas de saúde do interior do Rio Grande do Sul, a prevalência permaneceu com valores idênticos aos citados, e as mulheres, o grupo mais afetado. Desse modo, a população feminina, tanto enfermeiras quanto técnicas em enfermagem, é prevalente com transtornos psíquicos no trabalho (ALVES *et al.*, 2015; CARLOTTO *et al.*, 2016).

Ao analisar a saúde ocupacional do enfermeiro em ambiente hospitalar, observou-se vários desafios, visto que ele trabalha em áreas diferentes conforme a realidade de cada empresa. Desse modo, pode atuar em espaços perigosos, arriscados, insalubres, refrigerados, com ruídos, em confinamento ou coletivo. Por isso, dependendo das circunstâncias, pode encontrar dificuldades em sua atuação, sendo necessário criar estratégias, desenvolver liderança e capacidade de decisão, assumir riscos, inovar e criar possibilidades, tanto para desenvolver seu trabalho quanto para beneficiar o trabalho de todos. O enfermeiro do trabalho tem papel fundamental na prevenção e promoção da saúde, contra todo tipo de riscos e acidentes com agentes químicos, físicos, biológicos e psicossociais (SENA *et al.*, 2015; CARVALHO; ARAÚJO; BERNARDES, 2016; ALMEIDA; SILVA; MORAES-FILHO, 2017).

Araújo *et al.* (2016) realizaram estudo com 2.532 profissionais de saúde, sendo a maioria do sexo feminino e com idade entre 31 e 40 anos, onde constataram que de acordo com as características

psicossociais do trabalho, os profissionais desenvolvem alta demanda psicológica, baixo controle do trabalho e alto apoio social. Esses trabalhadores vivenciaram funções de alta exigência, sentimento de baixa recompensa e prevalência de transtorno mental comum (TCM) em 21% dos entrevistados.

**Tabela 1** - Dados sociodemográficos dos profissionais da saúde de um hospital público de Goianésia-GO, Brasil, 2020

<b>Dados Sociodemográficos</b>	<b>Número (Percentual)</b>
<b>Idade</b>	<b>15 (100%)</b>
18-29 anos;	2 (13%)
30-39 anos;	5 (33%)
40-49 anos;	4 (26%)
Mais de 49 anos;	4 (26%)
<b>Função que exerce</b>	<b>15 (100%)</b>
Técnico de Enfermagem	13(86%)
Enfermeiro	2 (13%)
<b>Cor/Raça</b>	<b>15 (100%)</b>
Branca	3 (20%)
Parda	12 (80%)
Preta	0 (0%)
Amarela	0 (0%)
Indígena	0 (0%)
<b>Estado Conjugal</b>	<b>15 (100%)</b>
Solteiro(a)	6 (40%)
Casado(a)	6 (40%)
Viúvo(a)	1 (6%)
Outros	2 (13%)
<b>Moradia</b>	<b>14 (93,333...%)</b>
Própria	7 (46%)
Alugada	3 (20%)
Outros	4 (26%)
<b>Nível de Escolaridade</b>	<b>15 (100%)</b>
Ensino Médio	8 (53%)
Ensino Superior	3 (20%)
Pós-superior	2 (13%)
Tecnólogo	1 (6%)
Outros	1 (6%)

**Fonte:** os autores.

Carvalho, Araújo e Bernardes (2016) realizaram estudo epidemiológico de corte transversal com 762 trabalhadores da Atenção Básica de Feira de Santana, que corroboram os achados desta pesquisa, onde a maioria com faixa etária entre 40 anos, sem nível superior, sem vícios ou dependências químicas, com baixo nível de atividade física e lazer, declararam ter boa saúde e bom nível de qualidade de vida. A maior parte, com vínculo profissional permanente há mais de 5 anos, declarou insatisfação com o trabalho, pressão alta, demanda psicológica e alto controle sobre os achados desses autores comprovam que as condições de trabalho implicam no adoecimento psicológico e mental dos profissionais de saúde. A ocorrência de transtornos mentais pode ser devida às situações profissionais, especialmente em ambiente hospitalar.

Estudo realizado com 74 profissionais de enfermagem de um hospital da Região Nordeste, sendo 14 enfermeiros e 60 auxiliares e técnicos de enfermagem, confirmou que existe associação entre as variáveis sociodemográficas e laborais e TCM, com variação de 0,015 entre os níveis profissionais, considerando que a formação superior e melhores condições sociais também podem influenciar para ocorrência de transtornos. Também quanto à idade e tempo de serviço, ocorreu prevalência global de 25,7% de TCM, considerados valores altos para a categoria (SOUSA *et al.*, 2019).

No que se refere a essa pesquisa, dentre os entrevistados, cerca de 46,6% trabalham no hospital entre 1 a 5 anos, 26,6% de 5 a 10 anos e 26,6% de 10 a 20 anos. Quanto ao horário, 66,6% atuam no

período diurno, 26,6% no período noturno e apenas 6,6% em período misto. Quando questionados quanto à pressão, infelicidade ou insatisfação durante a rotina de trabalho, a maioria (66,6%) respondeu que estão insatisfeitos. Sobre as dificuldades encontradas no trabalho, a maioria (93,3%) apontou a desvalorização do profissional, 66,6% apontaram a falta de recursos, 60% apontaram insatisfação com a carga horária excessiva, 26,6% relataram a ocorrência de excesso de atritos e confusão no ambiente hospitalar. Quando questionados quanto à ocorrência de transtornos mentais causados pelo trabalho, a maioria (86,6%) respondeu que sim, o trabalho tem causado transtornos (Tabela 2).

**Tabela 2** – Informações referentes ao trabalho dos profissionais da saúde de um hospital público do interior de Goiás, Goianésia – GO, Brasil, 2020.

<b>Informações referentes ao trabalho</b>	<b>Número (Percentual)</b>
<b>Período trabalhado no hospital</b>	<b>15 (100%)</b>
1 a 5 anos;	7 (46%)
5 a 10 anos;	4 (26%)
10 a 20 anos;	4 (26%)
<b>Horário de trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Diurno	10 (66%)
Noturno	4 (26%)
Misto	1 (6%)
<b>Sente pressão, infelicidade ou insatisfação durante a rotina de trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Sim	5 (33%)
Não	10 (66%)
<b>Dificuldades encontradas no trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Escassez de funcionários	6 (40%)
Falta de recursos	10 (66%)
Carga horária excessiva	9 (60%)
Excesso de atritos e confusões	4 (26%)
Desvalorização do profissional	14 (93%)
Falta de apoio social	6 (40%)
Liderança autoritária	2 (13%)
<b>Possui transtornos mentais causados pelo trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Sim	13 (86%)
Não	2 (13%)

**Fonte:** os autores.

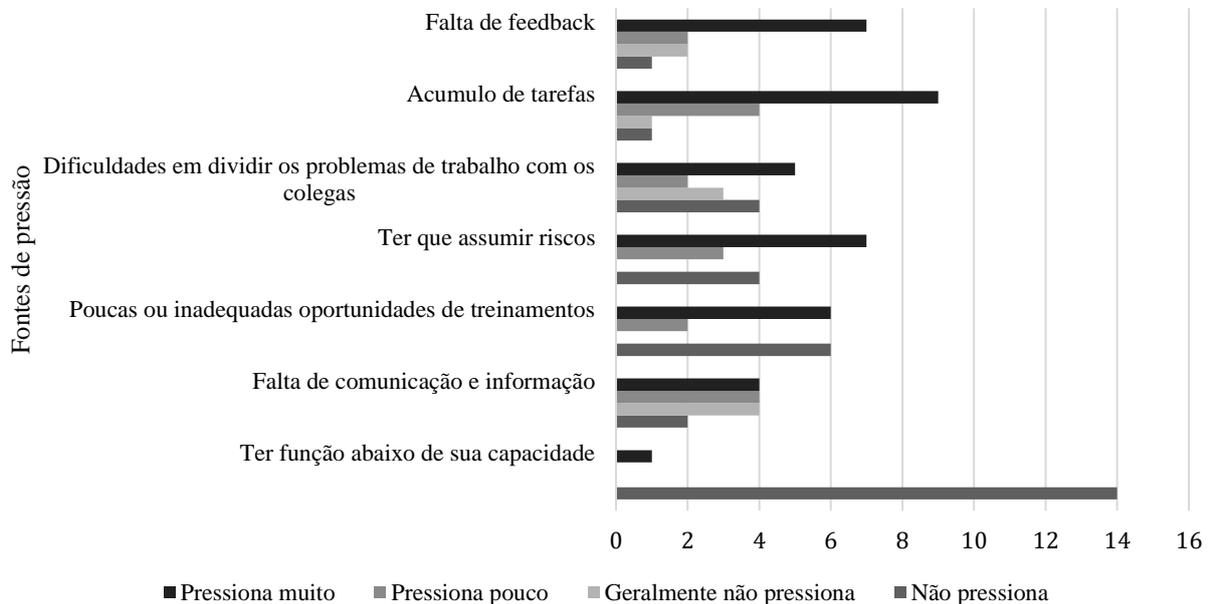
O excesso de carga ocupacional, a sobrecarga laboral somada à escassez de tempo para realizar as tarefas, além da rotina que envolve o trabalho da enfermagem, são considerados fatores de risco e podem influenciar no adoecimento psíquico. As rotinas muitas vezes envolvem emergência do paciente, óbitos, escalas dobradas, que implicam no desgaste emocional devido às pressões psicológicas do ambiente (ALVES *et al.*, 2020).

Estudo com 359 profissionais de enfermagem indica que o tempo de atuação, o horário de trabalho, especialmente quando realizam turnos seguidos, representa agravante para desenvolvimento de transtornos psicossociais. Quanto maior o tempo de atuação, maior a prevalência, sendo apontadas, pelos profissionais, queixas como excesso de trabalho, nervosismo, estresse e a desvalorização profissional, pois devido às remunerações baixas, acabam assumindo atividades em diversos turnos, tornando-se um forte agravante para doenças (ALVES *et al.*, 2015).

Quanto à fonte de pressão relacionada ao ambiente de trabalho (Figura 1), a maioria (93%) acredita que não decorre do fato do profissional estar em função abaixo de sua capacidade. No que se refere à falta de comunicação e informação, 29% acreditam que pressiona muito e apenas 14%, que não pressiona. Quanto a poucas ou inadequadas oportunidades de treinamentos, 43% acreditam que pressiona muito e 14%, que pressiona pouco. Relacionado ao fato de ter que assumir riscos, a maioria (50%) acha que pressiona muito e 21%, que geralmente não pressiona. Quanto à dificuldade

de dividir os problemas de trabalho com os colegas, a maioria (36%) acredita que pressiona muito e 14%, que pressiona pouco. Os participantes responderam quanto ao acúmulo de tarefas, onde a maioria (60%) disse que pressiona muito e 6%, que não pressiona. E quanto à falta de feedback, a maioria (58%) apontou que pressiona muito e 8%, que não pressiona (Figura 1).

**Figura 1** - Fonte de pressão relacionada ao ambiente de trabalho.



**Fonte:** os autores.

Estudos corroboram que há diversos fatores que motivam transtornos mentais em trabalhadores da saúde, destacando a sobrecarga de trabalho, padrão de sono comprometido, baixa remuneração, pressão psicológica do ambiente, excesso de trabalho, procedimentos com tempo insuficiente para execução, conflitos entre trabalhadores, necessidade de assumir riscos e demandas, poucas oportunidades para treinamentos, função abaixo da capacidade ou formação profissional. Todos esses fatores levam a desgastes físicos e mentais, que podem gerar distúrbios psíquicos. A pressão e tensão do acúmulo de atividades, situações inesperadas, podem provocar angústia, depressão e insatisfação laboral, especialmente quando as condições de trabalho não apresentam os expedientes necessários, a exemplo da escassez de material e recursos humanos (ALVIM *et al.*, 2017; CORDEIRO; ARAÚJO, 2018; FERNANDES; SOARES; SILVA, 2018; FERREIRA *et al.*, 2019; ALVES *et al.*, 2020).

Quanto aos problemas psicossociais ou transtornos mentais decorrentes de atividades laborais, a maioria (80%) dos participantes apresenta estresse, 46,6% transtorno de ansiedade generalizada, 13,3% transtorno depressivo maior e 15% outros problemas. No que se refere à satisfação com o trabalho, a maioria 46,6% indicou pouco satisfeito, 33,3% satisfeito, 13,3% muito satisfeito e 6,6% insatisfeito. Quando perguntado sobre o afastamento devido a problemas de saúde decorrentes do trabalho, a maioria 73,3% disseram que não. No que se refere a receber acompanhamento psicológico, a maioria (86,6%) não recebe. E quanto ao ambiente de trabalho, 40% acha muito estressante, 40% parcialmente estressante e 20%, pouco estressante. Quanto à religião dos participantes, a maioria (66,6%) é católica, 46,6% evangélica. Quanto à prática de atividade física, 46,6% não praticam, 40% praticam e 13,3%, às vezes (Tabela 3).

Neste estudo, foram apontadas, como principais dificuldades no trabalho, a falta de recursos e o estresse provocado por conflitos entre colegas. Nesse sentido, Munhoz *et al.* (2018) concordam que o enfermeiro fica exposto a situação de estresse de nível médio a elevado, de modo contínuo e prolongado, a fatores de risco relacionados à carga de trabalho e estressores como conflitos entre

colegas, escassez de recursos, sobrecarga laboral e grande esforço físico e mental, o que pode levar a doenças psicossomáticas, afastamentos, licenças e até aposentadoria por invalidez.

**Tabela 3** – Informações específicas dos profissionais da saúde de um hospital público do interior de Goiás, Goianésia-GO, Brasil, 2020.

<b>Tipo de informação</b>	<b>Número (Percentual)</b>
<b>Problemas psicossociais ou transtornos mentais decorrentes de atividades laborais</b>	<b>15 (100%) – Mais de uma resposta por participante</b>
Estresse CID10 F43	12 (80%)
Transtorno da ansiedade generalizada (TAG) CID10 F41	7 (46%)
Transtorno depressivo maior CID10 F32	2 (13%)
Outros	6 (15%)
<b>Satisfação com o trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Muito satisfeito	2 (13%)
Satisfeito	5 (33%)
Pouco Satisfeito	7 (46%)
Insatisfeito	1 (6%)
<b>Ocorreu afastamento devido a problemas de saúde decorrentes do trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Muito estressante;	6 (40%)
Pouco estressante;	3 (20%)
Parcial estressante;	6 (40%)
<b>Recebeu acompanhamento psicológico</b>	<b>15 (100%)</b>
Sim	0 (0%)
Sempre	1 (6%)
Às vezes	1 (6%)
Não	13 (86%)
<b>Ambiente de trabalho</b>	<b>15 (100%)</b>
Muito estressante;	6 (40%)
Pouco estressante;	3 (20%)
Parcial estressante;	6 (40%)
<b>Prática de Atividade Física</b>	<b>15 (100%)</b>
Sim	6 (40%)
Não	7 (46%)
Às vezes	2 (13%)

**Fonte:** os autores.

De fato, existem fatores de personalidade e psicológicos que tornam uma pessoa mais vulnerável a perturbações mentais. Finalmente, os transtornos mentais têm causas também biológicas, dependentes, por exemplo, de fatores genéticos ou desequilíbrios cerebrais bioquímicos. A promoção da saúde mental envolve ações que criem condições de vida e ambientes propícios à mesma, permitindo às pessoas a adoção e manutenção de estilos de vida saudáveis, como a prática de atividade física (ALMEIDA; SILVA; MORAES-FILHO, 2017).

As pressões do cotidiano possuem sérias consequências psicossociais. É possível que o dano psicológico seja menos visível do que o de outras enfermidades, mas geralmente o tempo para recuperação de um impacto emocional é maior. A provisão de processos precoces de apoio e adaptação, respeitando os costumes locais em relação à saúde mental ou recuperação psicológica, permite que dada população danificada enfrente com maior eficácia uma situação adversa (MACHADO *et al.*, 2016).

Estudos apontam prevalência de ansiedade, estresse e depressão em enfermeiros, sendo também destacado que, a partir desses distúrbios, muitos profissionais progridem para síndrome de pânico, transtorno bipolar e síndrome de Burnout. A enfermagem muitas vezes está inserida em ambientes muito estressantes, como dito anteriormente, a falta de materiais para executar procedimentos, conflitos entre colegas, duplas jornadas de trabalho, pacientes emergenciais ou terminais, enfim, diversas situações do cotidiano de trabalho somadas às demandas pessoais podem

gerar transtornos e levar profissionais ao adoecimento. Infelizmente, muitos não conseguem realizar tratamento, adiciona-se a isso o fato de que muitas empresas não possuem apoio psicossocial (ALVES *et al.*, 2015; SENA *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2015; CARTOLLO, 2016; MOREIRA *et al.*, 2016; SANTANA *et al.*, 2016; BERTUSSI *et al.*, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2017; JUNQUEIRA *et al.*, 2018; MORENO *et al.*, 2018; SOUSA *et al.*, 2018).

De acordo com Mello *et al.* (2017), o desenvolvimento do estresse ocorre quando as demandas do trabalho não correspondem às capacidades, recursos ou necessidades do trabalhador. São exemplos disso, a falta de apoio social no ambiente profissional (pressão), sobrecarga de trabalho (especialmente de supervisores), exposição a doenças infecciosas, problemas com gestores (em exposição à violência ou ameaças), falta de sono e conflitos decorridos da escassez de pessoal frente a pacientes gravemente enfermos.

As causas mais comuns de estresse nas unidades de saúde são as seguintes: níveis inadequados de pessoal, longas horas de trabalho, turnos de trabalho extensos, ambiguidade nas funções, exposição a substâncias perigosas e infecciosas, longas horas de tratamento excessivo no trabalho de pacientes terminais, conflitos interpessoais (com outros funcionários) relacionados a expectativas com pacientes, ameaças de ações judiciais devido à negligência psicológica (irritabilidade, descontentamento). A prioridade para a mudança organizacional está em melhorar as condições de trabalho, desenvolver estratégias para lidar com situações estressantes, relaxamento progressivo, técnicas comportamentais e cognitivas, habilidades interpessoais de gerenciamento de tempo, treinamento para medidas de prevenção e controle (TEIXEIRA *et al.*, 2019).

Estudos apontam que as pressões psicológicas, assim como o estresse e síndrome de Burnout, tem eclodido significativamente, pois os profissionais lidam com enfermos, frustrações, pressões do dia a dia e morte. Os profissionais presenciam casos graves de pacientes críticos e se dedicam sobremodo em um serviço de qualidade, sendo submetidos a ambientes estressantes, muitas vezes insalubres, desgastantes, intensas horas de trabalho; convivem constantemente com fatores desencadeantes, físicos ou psicológicos, entre eles: tarefas repetitivas, pressões, dupla jornada, sobrecarga do trabalho, etc.; resultando em desgaste profissional, exaustão, sensação de esgotamento, caracterizando assim a Síndrome de Burnout (CESTARI *et al.*, 2017; FERNADES *et al.*, 2017).

O cansaço físico e mental do trabalhador de enfermagem, assim como a exposição de risco à vida, tem contribuído continuamente para doenças ocupacionais. A depressão é um dos fenômenos recorrentes na saúde mental dos profissionais de enfermagem, sendo assim, tema de saúde pública com classificação prevista no CID-10 (Classificação Internacional das Doenças), tendo como sintomas: forte sentimento de desesperança e tristeza profunda (PEREIRA *et al.*, 2017).

Nesse sentido, acredita-se que qualquer entidade de serviços hospitalares deve implementar e exigir as medidas necessárias para manter e melhorar seus níveis de eficiência. Especificamente no Brasil, existe a preocupação significativa em relação à incidência de doenças relacionadas ao local de trabalho, cujo objetivo principal é garantir aos trabalhadores condições de saúde e bem-estar em um ambiente profissional adequado e propício ao pleno exercício de suas funções (ALMEIDA; SILVA; MORAES-FILHO, 2017).

Permite-se assim, ao indivíduo, a capacidade de lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir para a sua comunidade (ASCARI *et al.*, 2018). O bem-estar é fundamental à nossa capacidade coletiva e individual para raciocinar, expressar sentimentos, interagir com os outros, ganhar a vida e aproveitá-la. Nesta base, pode-se considerar que a promoção, proteção e recuperação da saúde mental são preocupações vitais de pessoas, comunidades e sociedades em todo o mundo (MATOS *et al.*, 2017).

Portanto, é muito importante que estudos sobre a atuação da enfermagem, nos seus diversos ambientes, sejam feitos com frequência, medindo níveis de situações causadoras de transtornos psíquicos. O ideal seria a criação de um modelo de controle dessas demandas, para que os profissionais fossem avaliados mensalmente, evitando assim a evolução para síndromes mais complexas que provocam o desligamento, absenteísmo, aposentadorias precoces, afastamentos prolongados e doenças crônicas.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que transtornos mentais estão presentes no cotidiano dos profissionais que atuam em ambiente hospitalar, especialmente a enfermagem, sendo esse acometimento relacionado às situações vivenciadas dentro do próprio ambiente de trabalho, levando as pessoas ao adoecimento gradativo. Os profissionais atuam em ambientes repletos de situações estressoras, os quais provocam distúrbios mentais leves, evoluindo ainda para distúrbios graves devido à falta de tratamento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. B.; SILVA, R. M.; MORAES-FILHO, I. M. As dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro do trabalho na prevenção de acidentes e doenças ocupacionais – revisão de literatura. **Revista Científica Sena Aires**, v. 6, n. 1, p. 59-71, 2017.

ALVES, A. P. *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns entre profissionais de saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 23, n. 1, p. 64-69, 2015.

ALVES, F. C. *et al.* Estresse ocupacional e esgotamento profissional em profissionais da enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 11585-11602, 2020.

ALVIM, C. C. E. *et al.* Relação entre processo de trabalho e adoecimento mental da equipe de enfermagem. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 12-16, 2017.

ARAÚJO, T. M. *et al.* Aspectos psicossociais do trabalho e transtornos mentais comuns entre trabalhadores da saúde: contribuições da análise de modelos combinados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, n. 3, p. 645-657, 2016.

ASCARI, R. A.; SCHMITZ, S. S.; SILVA, O. M. Prevalência de doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem: revisão de literatura. **Revista Uningá Review**, v. 15, n. 2, p. 26-31, 2018.

BERTUSSI, V. C. *et al.* Substâncias psicoativas e saúde mental em profissionais de enfermagem da Estratégia Saúde da Família. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 20, n. 3, p. 1-9, 2018.

CARTOLLO, M. S. Transtornos Mentais comuns em trabalhadores de unidades básicas de saúde: Prevalência e fatores associados. **Psicologia Argumento**, v. 85, n. 34, p. 134-146, 2018.

CARVALHO, D. B.; ARAÚJO, T. M.; BERNARDES, K. O. Transtornos mentais comuns em trabalhadores da Atenção Básica à Saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 41, e-17, p. 1-13, 2016.

CASAFUS, K.; DELL'ACQUA, M. C. Q.; BOCCHI, S. C. M. Entre o sucesso e a frustração com a sistematização da assistência à enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 313-328, 2017.

CASAROLLI, A. C. G. *et al.* Nível de complexidade de atendimento e dimensionamento de enfermagem em uma unidade de emergência de um hospital público. **Revista Enfermagem UFSM**, v. 5, n. 2, p. 278-285, 2015.

- CESTARI, V. R. F. *et al.* Estresse em estudantes: estudo sobre vulnerabilidade sociodemográficas e acadêmicas. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, n. 2, p. 190-196, 2017.
- CORDEIRO, T. M. S. C.; ARAÚJO, T. M. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem da atenção básica à saúde. Bahia, Brasil. **Revista de Salud Pública**, v. 20, n. 4, p. 422-429, 2018.
- FERREIRA, L. L. *et al.* Distúrbios psíquicos menores em trabalhadores de enfermagem de um bloco cirúrgico. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, e-28279, 2019.
- FORESTO, D. R.; SOUZA, J. L. E. Síndrome de Burnout: indicadores em enfermeiros da atenção primária. **Revista Funec Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 5, p. 110-121, 2015.
- FERNANDES, M. A.; SOARES, L. M. D.; SILVA, J. S. Transtornos mentais associados ao trabalho em profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa brasileira. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 218-224, 2018.
- JUNQUEIRA, M. A. *et al.* Sintomas depressivos e uso de drogas entre profissionais de enfermagem. **Revista de Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 1-10, 2018.
- KIRCHHOF, A. L. C. *et al.* Understanding workload in occupational health research on nursing. **Colombia Médica**, v. 42, p. 113-119, 2017.
- LUA, I. *et al.* Autoavaliação negativa da saúde em trabalhadoras de enfermagem da atenção básica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 1301-1319, 2018.
- MACHADO, S. A.; OSELAME, G. B.; NEVES, E. B. Avaliação do perfil e qualidade de vida do acadêmico de enfermagem. **Revista Atenção em Saúde**, v. 14, n. 47, p. 55-60, 2016.
- MATOS, K. S.; SANTOS, M. S.; ROCHA, R. M. B. Projeto terapêutico singular no centro de atenção psicossocial (CAPS II). **Revista Intercambio**, v. 9, n. 1, p. 111-130, 2017.
- MOREIRA, I. J. B. *et al.* Perfil sociodemográfico, ocupacional e avaliação das condições de saúde mental dos trabalhadores da Estratégia Saúde da Família em um município do Rio Grande do Sul-RS. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 38, n. 11, p. 1-12, 2016.
- MORENO, J. K. *et al.* Síndrome de Burnout e fatores de estresse em enfermeiros nefrologistas. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 10, n. 2, p. 1-6, 2018.
- MUNHOZ, C. S. *et al.* Fatores de risco para o transtorno mental relacionado ao trabalho em profissionais de enfermagem. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 16, n. 56, p. 83-93, 2018.
- OLIVEIRA, G. B. *et al.* Saúde mental, trabalho e estilo de vida associados à qualidade de vida de trabalhadores. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 2, p. 559-566, 2017.
- PEREIRA, I. F. *et al.* Depressão e uso de medicamentos em profissionais de saúde. **Arquivo de Ciências da Saúde**, v. 24, n. 1, p. 70-74, 2017.
- SANTANA, L. L. *et al.* Absenteísmo por transtornos mentais em trabalhadores de saúde em um hospital no sul do Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 1, p. 1-10, 2016.

SENA, A. F. J. *et al.* Estresse e ansiedade em trabalhadores de enfermagem no âmbito hospitalar. **Jornal of Nursing and Health**, v. 1, p. 28-37, 2015.

SILVA, J. L. *et al.* Fatores psicossociais e prevalência da síndrome de Burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 27, n. 2, p. 1-10, 2015.

SOUSA, K. H. J. F. *et al.* Fatores associados ao perfil da equipe de enfermagem de um hospital psiquiátrico e suas implicações para a saúde do trabalhador. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 1-8, 2018.

SOUSA, K. H. *et al.* Transtornos mentais comuns entre trabalhadores de enfermagem de um hospital psiquiátrico. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 1-10, 2019.

TEIXEIRA, L. P.; CASANOVA, E. G.; SILVA, T. A. S. M. Doenças ocupacionais na enfermagem - Quando o trabalho adocece. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 5, n. 2, p. 19-24, 2014.